Portugal
poca:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1035

G. A Monarquia 73
Biblioteca de Lisboa
Largo da Biblioteca
Lisboa

Todas as reclamações relativas a assignaturas devem ser acompanhadas d'esta cinta.

Verdade Integralista

Evidentemente — não ha nada como a a verdade integralista. Ela, por si só, é tão grande, tão insofismavel, tão logica, que até os proprios que com ela não estão, com ela não concordam, ou mesmo lhe são adversos, teem sempre por força, sem querer, de nela afinal vir cair. Os males que infestam a nação ou os perigos que a ameaçam, estão sem duvida onde ela os aponta. Ora, para esses males, para esses perigos, o remedio teem todos forçosamente de o ir buscar ao seu sistema de politica integral, ao seu nacional programa de governo, vasto campo de realisações, justas todas elas com o sentir, a vontade e as necessidades do país, que pela incontroversia e firmeza dos praticos e positivos principios em que assenta, não admite os erros e os crimes, as loucuras e as mentiras de qualquer regimen democratico.

Nas categoricas afirmações do seu programa, onde as grandes necessidades de caracter nacional, quando não encontram de pronto solução, encontram pelo menos a unica maneira de serem resolvidas, mais conveniente e justa com os altos interesses do país, o *Integralismo Lusitano* sómente procura trazer á nação á forma politica de administração e governo que á nação compete e mais se amolda, quer seja ela por razão historica ou por facto tradicional, quer nos venha por essa amarga experiencia dum seculo de democracia ou por essas conclusões insofismaveis a que chegam hoje as modernas sciencias sociologicas.

A verdade politica, onde assenta e tem sempre de assentar as suas bases a razão monarquica, está por isso do nosso lado, só nossa, não admitindo o subterfugio com que a baixa e mesquinha politica partidaria, usa vestir de vocabulos estravagantes, os seus mirificos planos de administração, que na pratica se desfazem como frageis castelinhos de cartas.

Sim. Podem não querer vêr a verdade, do nosso sistema politico só aqueles *cegos* que a não queiram vêr; mas, para si mesmos, em sua consciencia, compreendem-na, são obrigados a sentirem-na, e muitas vezes, quantas vezes! sem querer até a confessal-a.

Por isso, a melhor defesa do Integralismo está indubitavelmente na boca daqueles que não pertencem á sua grei. Quando a nossa razão nos não bastasse, bastariam eles para no-la fortalecer.

A mentira dos Imortaes Principios, com a tal soberania do povo representada no grosso erro parlamentar, e que nós, tanto sob o regimen republicano como o monarquico, temos combatido desassombradamente, mostrando quanto é prejudicial, quanto corroe as bases das nacionalidades, destruindo-as por completo, é já hoje compreendida por alguns dos homens da republica, que para isso já precisam, prevendo novas crises de natureza sistematica, em meter na constituição o paliativo da dissolução do parlamento.

Fica assim exterminado o mal? Não; de forma nenhuma. O mal é latente, e continua; não termina, não pode terminar dessa forma. Mas fica simplesmente demonstrada pelos seus proprios homens, a falsidade evidente em que assentam os regimens democraticos. E para vêr até onde vai a flagrante mentira da democracia basta simplesmente olharmos para a ultima das revoluções.

Essa revolução que com o sentir unanime da nação deu cabo duma horda demagogica, que se apossára do poder levada por todas as ganancias a todos os desmandos e crimes, tem hoje com o apoio do país inteiro, nas mãos dos seus homens, os destinos de Portugal. Pois bem! Se formos a vêr, o governo destituido pela força das armas é que estava dentro da logica democratica. Ele é que estava dentro da sua constituição politica, governando com o parlamento, representando a vontade expressa do país, com a sua maioria na Camara dos Deputados e no Senado que lhe deram umas eleições que embora sendo uma burla, eram, segundo ele, os votos da soberania do povo e a vontade manifesta do país; ao passo, que o sr. Sidonio Pais, afinal, com o apoio inteiro da nação é quem realmente está fóra da lei, fóra da constituição, fóra da logica democratico e dos taes salutares principios do liberalismo republicano.

De resto, se a dissolução parlamentar foi introduzida, como parece, na constituição politica do regimen, como unico meio de se evitar que uma oligarquia mais arrojada só governe, a republica, que representa, segundo eles, a vontade livre do povo expressa na escolha livre dos seus representantes, perde a sua pedra fundamental de vida.

Mas, previsto com a dissolução as consequencias dum mal, não será crivel que com essa medida venha a cair-se num outro perigo ainda maior? Assim, d'hoje para amanhã, façamos de conta que eleito um parlamento onde se espelha a vontade e o sentir da maioria do país, o presidente da republica, fugindo por uma malha da lei, e todas as leis têm malhas, para satisfazer um compromisso ou uma divida de gratidão para a minoria que á presidencia o poderia ter levado, buscando ou alegando um pretexto por ele previsto já, dissolve o parlamento, esbulha do poder os que, nesses casos, de direito governam, e entrega-o á minoria! E deste modo aqui temos, afinal, no que redunda a vontade soberana e livre do povo uma republica, onde o ilusorio lema, da liberdade, egualdade e fraternidade, podia ser mudado para este, que tão belamente sintetisa e simbolisa os principios puros da democracia: regimen do povo e para o povo... vêr de longe.

*

Mas não são só os republicanos que veem demonstrar quão grande é a verdade integralista. Não são só os republicanos que vêem mostrar a razão e a logica em que se fir, na todo o nosso movimento politico. São tambem os monarquicos constitucionaes que, sem quererem a verdade integralista, reclamam já «remedios novos para processos velhos,» que é como quem diz, em letra redonda e sem enfesmismos, formas integralistas para processos democraticos.

Nem mais nem menos. E' o mesmo cheque tremendo no parlamentarismo, na falencia já completa da soberania do povo, não confessado como o confessam os republicanos, mas compreendido como o compreendem os monarquicos. Assim, dessa forma o compreende um jornal monarquico do norte, que depois de dizer que o seu ideal de restauração monarquica não está no regresso, puro e simples, ao que havia antes de 5 de Outubro de 1910», acrescenta mais abaixo: «Queremos uma Monarquia nova em que a maxima centralisação politica corresponda á maxima descentralisação administrativa, em que predominem e mandem as élites creadas pelas competencias e que as antigas ordens de clero, nobreza e povo, revivam sob a forma de sciencia, capital e trabalho.»

Ora aqui está afirmada mais uma vez, por um jornal monarquico, que não é integralista, a eterna verdade dos nossos principios.

Porém, nós, absolutamente concordes com essas afirmações, porque em antes de as ter o diario do norte já nós as tinhamos, o que não compreendemos, pelo menos enquanto a lição dos factos nos não esquecer e um sopro de logica nos refresque o cerebro, é como elas poderão ser compativeis com um regimen monarquico constitucional, ou seja com uma monarquia de barrete frigio.

Sim. No vasto rol de pretenções que o nosso ilustre colega apresenta como necessarias, e das quais só damos a primeira amostra, não vimos, por mais que procurassemos, uma de caracter puramente anti-parlamentar, ou que pelo menos mostrasse que o parlamento lhe é adverso. Logo, aceita-o. Porque se o não aceitasse é muito fora do natural que assim, desse modo, se esquecesse referir á mais principal e forte das razões, que devia ser essa, parece-nos, em que assentaria para que o *seu ideal de restauração monarquica não estivesse no regresso, puro e simples, ao passado.*

Mas como se pode então conduzir com uma forma de governo parlamentar democratica embora monarquica, esses pontos essenciais para a vida da Monarquia, que logo com ele, de principio, per si, se opõem, se antegonisam e se irreconciliam?

Como se conseguiria, por exemplo, que predominassem as élites creadas pelas competencias num regimen onde o partidarismo, tendo de existir por força, a tudo sobrepunha afinal os seus interesses, fazendo que valesse sempre o que mais pudesse e o que nada pudesse nada valesse?

Como se conseguiria que sob a égide duma monarquia constitucional, com a sua representação parlamentar, com o artificio do eterno voto, onde nunca deixaria de haver a tipica chapelada nem de faltar o celebre carneirinho com batatas, onde não deixaria de aparecer o eterno galopim acompanhado pelo eterno prometimento duma abertura ou conclusão de estrada;—como se poderia desta forma, vencidas umas eleições á custa de dinheiro, de audacia da parte dos chefes ou de ignorancia da parte dos eleitores, conseguir-se que só predominassem e mandassem as élites creadas pelas competencias?

E, como se faria a centralisação politica?

E de que modo viria a descentralisação administrativa?

Não! A historia ainda é de ha pouco. Ela ainda está na memoria de todos nós. A lição dos factos foi forte e demonstrativa de mais para que nos esqueça assim de um momento para outro. Uma monarquia parlamentar, é preciso ficar-se certo disto de uma vez para sempre, de novo proclamada, seria a mesmissima coisa, com os mesmos erros, os mesmos vicios, os mesmos costumes e até os mesmos fins daquela que havia antes de 5 de outubro. Nada de duvidas. Tirem-lhe primeiro a base democratica da burla parlamentar, e então, sim, o orgão monarquico do norte poderá, como nós podemos, defender o seu enunciado *remedio*. Porém, sem isso em antes,—não!

*

Mas estes dois simples exemplos, ambos filiados na chamada Soberania do Povo, ambos representados no erro parlamentar, ficam sómente para demonstrar como a verdade integralista é palpavel, e se vae estabelecendo pouco a pouco e ganhando raizes até naqueles que menos o pensam.

Do meio republicano vem-nos com a certeza de que os Imortais Principios não passam de uma farça, a certeza de que o parlamento é um mal destruidor para a nação. Esta verdade temo-la nós dito milhares de vezes.

Do meio monarquico vem-nos com a certeza de que o nosso sistema politico vae sendo compreendido e aceite, a certeza de que o parlamento é irreconciliavel e oposto a uma verdadeira Monarquia. Esta verdade temo-la nós de começo sempre afirmado.

Mas, creiam-no todos, cada vez mais e mais a verdade integralista se ha de acentuar. E nas horas amargas, de crise nacional, que ainda havemos de passar, por mal de pecados velhos, monarquicos constitucionais ha de haver para enfrentar futuros problemas a resolver, terão, vindos até nós, de compreender, finalmente, que a democratica fórma do parlamentarismo, corrompendo tudo, sacrificando tudo, acaba por fim de corromper e sacrificar as nações, atirando as patrias para a catastrofe do mais mortal anarquismo.

...Porque, afinal meus senhores, como dirja alguem que pelo seu vasto saber e profunda inteligencia ocupa a dentro do nosso movimento um dos logares de mais destaque e relevo, o *Integralismo Lusitano* é acima de tudo uma Escola de Politicos.

M. Vieira da Silva.

VEJAM! LEIAM!

Uma traição de Antonio José d'Almeida

«... d'aqui, neste momento historico, em que um sol rutilo envernisa com a sua poeira de oiro o zimborio da Estrela, eu deixo bem preso Afonso Costa ás galés da Historia!»

Estas palavras escreveu-as um dia Antonio José d'Almeida. Teem qualquer coisa de solene e de sincero. O chefe do minusculo partido evolucionista não se tinha ligado ainda a Afonso Costa por meio da *União Sagrada*, limitando-se apenas a ser o carrasco do chefe do partido democratico.

Nesse tempo Antonio Zé tinha esperanças no general Pimenta de Castro. Mas Pimenta de Castro caiu e para sempre com o 14 de maio. Antonio José d'Almeida, para que o seu partido não morresse, aplicou-lhe uma muleta: —a *União Sagrada*.

Leviano, inconstante nas suas amisades, ele que uma vez desculpou Armando de Azevedo, assassino do seu correligionario o professor Gueifão, Antonio José d'Almeida tinha de, fatalmente, atraiçoar o sr. Afonso Costa.

E atraiçoou-o ha dias, longe da capital, para que o seu adulterio não desse nas vistas e Afonso Costa, o traido, não soubesse do escandalo.

Foi ali para cima, na provincia, em Gouveia, que discretamente, muito em segredo, o sr. Antonio José d'Almeida atraiçoou o seu *amigo* Afonso Costa.

Os senhores conhecem um semanario de Gouveia, intitulado *Ecos da Beira?* Pois esse semanario dirigido pelo dr. Pires do Vale é um *orgão do Partido Republicano-Evolucionista.*

Evolucionista, quer dizer do partido do sr. Antonio José d'Almeida. E tanto evolucionista ele é, que transcreveu um dia o famoso artigo *Salus populi...* despedida funebre do sr. Antonio Zé ao sr. Bernardino Guimarães.

Pois foi nos *Ecos da Beira*, orgão do partido evolucionista, que o sr. Antonio Zé atraiçoou o seu *amigo* Afonso Costa. Foi no numero 46 desse semanario que se cometeu o crime, o grande crime de adulterio, publicando-se um curioso artigo do alferes sr. Luciano Barata, creatura honestissima, de caracter recto, segundo nos afirmaram pessoas que o conhecem.

Eis o artigo, que, publicado onde foi, é uma verdadeira estocada no partido democratico:

«Eu não sei se os leitores sabem já que em França temos dois «fronts», duas linhas de batalha—a linha da frente onde se combate e morre, e a linha da rectaguarda, onde ha a tranquilidade, a orgia, os lençois de seda, o prazer, enfim.

Parecerá incrivel a muita gente que tenha havido fantasia para crear um «front» da rectaguarda, a uma distancia quasi imensa do alemão.

Mas pense-se um pouco serenamente nas figuras heroi-comicas do celebre *Rol de Desonra* para se concluir que os grandes caudilhos da nossa propaganda da guerra haviam de ter a validade de se apresentar como martires dos seus ideais perante o povo que os tolerou.

Mas não se esqueçam de reflectir que lhes merece grande estima a conservação da sua saude, da sua preciosa existencia, não fossem eles filhos do sr. Leote, do sr. Afonso, do sr. Bernardino ou não fossem eles ainda chefes celebres de clubs revolucionarios de Lisboa a tanto por dia, e por injuria.

Conciliar, portanto, as duas intenções por uma formula habil, eis o problema.»

Daqui nasceu então a creação arrojada e heroica de um «front» da retaguarda, onde se faz a guerra ao maldito povo apostrofado nos comicios, comendo e engordando, e mostrando ás vezes um elegante enfado das horas emquanto se ouve ao longe um rumor continuo que abala a terra e que dizem ser do canhão.

Hoje apetece-me falar da gente deste «front» diabolico de somno, de champagne e de banquetes, para deliciar a minha imaginação de pobre liót̃a da trincheira avançada.

Que me perdôem suas *divindades* este sacrilegio de olhar cá de tão baixo lá para tão alto, mas eu é que nunca pude perder o habito das irreverencias, tanto mais agora que me tornei muito malcreado a lidar com a granada de mão, como se eu fôra já um bacharel pela oficina de João Borges.

O peraltinha de braçal, moço inteligente lá na terra, segundo se afirmou no centro radical de que era socio categorizado e nos comicios em favor da guerra, sai de Paris em atitudes heroicas de Tartarin de Tarascon.

Ali á mão vai o chapeu de ferro não apareça o diabo de um zepelin a fazer das suas.

Ao peito, bem amarrada, leva a mascara anti-gaz; botas ferradas em desafio ás tempestades e aos seculos; no seu rosto marca-se logo uma grande preocupação, a solenidade triste de quem pensa no testamento.

Pergunta-se-lhe:—Para onde segue o camarada?

—Para o «front», responde: e toma um ar féro de spartano que vai morrer ás termópilas pela patria sagrada.

Chega-se a um quartel general, a qualquer das infinitas secretarias que por lá temos e o do braçal e o sem braçal entram.

Dão os seus papeis. O sem braçal toma nova guia e marcha a bater o alemão.

O outro, o velho jacobino dos comicios pela guerra por ali fica, aterrado, palido, espreitando as nuvens não venha um avião boche desiquilibrar a politica democratica na sua terra, alvejando a sua fogosa pessoa.

E' ali, o seu «front» a uma distancia infinita das linhas de batalha, porque infinita tambem é a distancia entre morrer e viver.

Mas vão lá dizer-lhe que ele serve á retaguarda!...

Conta-se que numa pequena vila a 35 quilometros das linhas o capitão T. de C. bem conhecido na nossa politica, num brinde dizia aos seus amigos:

«Nós que tivemos a hombridade de prégar a guerra e que temos a valentia de a fazer aqui na primeira linha..» e besiam todos o crepitante champagne com os olhos rasos de lagrimas pela comoção.

Estes senhores nunca tinham passado para lá da referida vila!

Numa celebre revista da 2.ª Brigada, quando em descanço, aparece, em grande aparato, um antigo *«formiga»*, em traje de quem vai para rija refrega nas linhas inimigas, causa hilariedade estrondosa entre os rapazes das trincheiras, e chamamo-lo.

—Onde tem servido, ó camaradinha?

—Em C..., e hoje é o primeiro dia em que me encontro no «front».

E quasi que treinia o desgraçado, embora não chegasse a nós o som rude do canhão.

Um tristemente celebre jacobino, partidario incansavel da guerra, dirige qualquer serviço de automoveis a muitas dezenas de quilometros das trincheiras.

Fala-me dos seus sacrificios, do risco em que cada hora corre a sua preciosa existencia.

O bandido chega-me a afirmar que está mais exposto ao perigo do que a *malta* das trincheiras.

Para mais, acrescenta, eles nem ao menos me dão uma pistola para me defender dos aeroplanos...

Ai, os aeroplanos... não lhes quero peor diabo á perna. Quando passa algum a 3.000 metros a tirar fotografias, ficam loucos de terror os do «front» da rectaguarda e ouve-se a eles berrar: aquela *malta* das trincheiras, aqueles bandidos que deixam passar os aeroplanos...

LUCIANO BARATA

Que dirão agora a este arte artigo o sr. Antonio José d'Almeida, a adultera, e o sr. Afonso Costa, o traido?

«Daqui, escreveu um dia Antonio José d'Almeida, *neste momento historico, em que um sol rutilo envernisa com a sua poeira de oiro o zimborio da Estrela, eu deixo bem preso Afonso Costa ás galés da Historia!»*

...E deixou-o, agora, com o numero 46 do semanario *Ecos da Beira*...

Pobre Afonso! Nem na prisão te respeitam!

O senhor Norton

Jornaes da manhã dão-nos a agradavel noticia de ter sido visto em Salamanca, no começo desta semana, o muito alto cavaleiro da S. Miguel de S. Jorge, sr. Norton de Mattos.

Com prazer transmittimos a agradavel noticia aos nossos prezados leitores...

Errata

No artigo *Balanço agricola* do nosso ilustre amigo sr. dr. Julio de Melo e Matos saíram algumas trocas de palavras que desfiguraram por completo o sentido.

Assim, na 1.ª «coluna, onde se lê *«Gastos agricolas»*, deve ler-se *«Postos agricolas»*. Na 2.ª coluna apareceu *«rapida saida das colonias»* por *«rapida subida dos salarios»*.

Pedimos desculpa ao dr. Julio de Melo e Matos da deficiencia da revisão, aproveitando o ensejo para lhe significar mais uma vez o nosso apreço e o nosso reconhecimento.

A certeza deles...

Da «Montanha» de ontem, e sem comentarios:

«O sr. Bettencourt Rodrigues já foi a França.

Tiraria bilhete de ida e volta?»

Transcrição

O nosso prezado colega *O Liberal* transcreveu ontem o nosso *suelto* «Castelões & C.ª».

Muito agradecemos.

Os fastos portuguezes

Um grande aniversario.—Piedosa comemoração.—Os nossos editores.—A reimpressão das «Manuelinas» e da «Lisboa Antiga».—O novo poema.—A familia Castilho.—O prefacio da tradução dos Fastos de Ovidio.—Os fastos portuguezes

I

Faz hoje precisamente cento e dezoito anos que nasceu em Lisboa, na rua de S. Pedro de Alcantara, num predio onde agora se divisa uma lápide comemorativa desse fausto acontecimento, um dos maiores poetas que teve a lingua portuguesa e que se chamou Antonio Feliciano de Castilho.

Para comemorar esta data, verdadeiramente gloriosa para Portugal, seu filho primogenito, o actual Visconde de Castilho, tinha determinado que saisse hoje á luz uma monumental obra sua que se está a imprimir. A morosidade de tipografos e gravadores não permitiu que esse piedoso desejo fosse satisfeito; no entanto, em dia muito breve o livro sairá; e, para não deixarmos passar este dia sem uma singela homenagem ao cantor de Eco e Narcizo, ao traductor de Ovidio e de Moliére, falaremos nós, por nosso turno, dessa obra primorosa de seu filho, prestes a aparecer.

A individualidade literaria de Julio de Castilho talvez esteja um pouco esquecida não só entre o publico em geral, mas até nos nossos meios literarios. Isso é devido em parte á ingratidão do espirito humano e em grande parte ao facto de se terem exgotado ha muito quasi todas as edições das suas obras principais.

Os editores portugueses, com raras excepções, vivendo numa apatia que não se comprende, deixam acabar no mercado esses livros preciosos que teem sempre procura porque teem sempre actualidade, e preferem deixar dormir no esquecimento obras-primas da nossa literatura para editar romancécos que envenenam o gosto artistico do nosso povo. Os editores teem obrigação de proteger as letras patrias e de não alimentar o gosto sórdido do publico em geral. Não devem ser meros comerciantes; teem uma missão mais alta a cumprir. Mas vamos lá convencê-los disto: impossivel.

Enfim, como dissemos, ha excepções, e entre elas se contam a Parceria Pereira que está reeditando as *Manuelinas*, encantador livro de versos dum sabor quinhentista, em que Julio de Castilho pôz o melhor da sua alma de poeta e de portuguez, cuja primeira edição estava completamente exgotada; França Amado, em Coimbra, que se propõe reeditar a *Lisboa Antiga*, obra dum valor historico e literario incalculavel; e, finalmente, a Livraria Ferreira, que se arrojou a editar o grande poema, tão anciosamente esperado e cujo aparecimento estava planeado ser hoje.

O actual Visconde de Castilho, ultimo descendente duma familia ilustre que das Asturias passou a Portugal no seculo XVI; com João e Diogo de Castilho, architetos de tal renome que a eles se deve a igreja de St.ª Maria de Belem, a abobada da Sé de Vizeu, o acabamento do convento de Cristo em Thomar, a restauração do mosteiro de St.ª Cruz de Coimbra, as fortalezas de Arzila e Mazagão em Africa; etc., continuou as tradições de seus Maiores já honrando os seus pergaminhos com uma vida coroada de virtudes, já enaltecendo-os e dilatando-os com obras darte bem dignas do alto nome que herdou.

Pelas leis misteriosas da hereditariedade, o espirito artistico dos Castilhos, que já com Antonio de Castilho, filho do architeto João de Castilho, se manifestára com um caracter literario tão apreciavel, que fôra doutor em leis pela Universidade de Coimbra, guarda-mór da Torre do Tombo e cronista mór do Reino, vem desabrochar no seculo passado numa verdadeira eflorescencia de talentos literarios, numa verdadeira dinastia de artistas, a qual só é comparavel a familia Bach na Alemanha.

Já José Feliciano de Castilho, avô do actual Visconde, lente da Universidade de Coimbra, fôra um notavel escriptor. De seu pae nem ousaremos falar. Quem ha que não conheça o grande Castilho? Seus tios, irmãos deste, Adriano Ernesto, José Feliciano, Alexandre Magno e Augusto Frederico foram notaveis jornalistas, investigadores, poétas e dramaturgos, cujos nomes se não devem desconhecer. Antonio Maria de Castilho Barreto, Alexandre Magno de Castilho e Eugenio de Castilho, os dois primeiros sobrinhos e o ultimo filho do primeiro Visconde, cultivaram egualmente com esmero as letras patrias. E até uma senhora, D. Emilia Augusta de Castilho, filha de Alexandre Magno de Castilho, apesar de ter falecido bem nova, cultivou com esmero a poesia, deixando alguns versos publicados.

Julio de Castilho tem já uma extensa

Francisco dos Santos Silva

Colaborou ontem pela primeira vez no nosso jornal este nosso prezado companheiro de convicções.

Santos Silva é um espirito dotado duma notavel cultura musical de que o seu artigo é prova mais que bastante. Gostavamos de o ver mais vezes nas nossas colunas, que ficam inteiramente á sua disposição.

D. Luiz de Castro

A' hora do nosso jornal entrar na maquina está decorrendo com todo o brilhantismo a sessão de homenagem promovida pelos alunos do Instituto Superior de Agronomia em honra do senhor D. Luis de Castro, recondusido pelo actual governo ao seu antigo logar de professor. Associamo-nos á essa justa e significativa festa, para que recebemos convite, prometendo sermos mais extensos no nosso proximo numero.

Mr. Paul Strozzi

Está anunciada para hoje na Liga Naval, uma interessante conferencia subordinada ao sugestivo titulo *La femme française de vant la guerre.*



E' Mr. Paul Strozzi quem a realiza. Homem de letras, mas um distinto homem de letras, cultivando com exito e talento o jornalismo e o teatro, Paul Strozzi, ilustre director da Agencia Fast, terá amanhã um publico selecto que o saberá apreciar, pois que este ilustre jornalista francês é tambem um dos mais apreciaveis conferentes.

Ponto final?

O sr. Soisa saiu-nos manso esta manhã. Já não nos mostrou a navalha de ponta e mola, nem nos cantou com insolencia e cinismo um numero bisado de uma *rerista* celebre, a *Dança dos apaches*.

Saiu-nos manso o sr. Soisa. Vem fatigado de uma discussão ingrata em que gastou o melhor da sua insolencia, daquela insolencia que é hoje o desespero legitimo de um conhecido jornalista democratico e que tambem, pelos vistos, é a delicia constante do sr. Antonio Zé que, não podendo actualmente mandar mais soldados para as valas africanas, se entretem a ouvir chalaças de arrieiro...

Apareceu manso e mudado o sr. Soisa. Traz até cabelo postiço que, diz-nos com modestia hipocrita, é para que a policia o não conheça... Falsa modestia, porque sabemos muito bem que a guedelha postiça é para o tornar mais novo.

Dissemos ha dias que o sr. Soisa começava a entrar na segunda mocidade, a pelar das duas, porque alem de paralitica e gotosa é supinamente imbecil.

O sr. Soisa, leu-nos, releu-nos, considerou, e num raro momento de bom senso, achou-nos razão. E foi immediatamente ao cabeleireiro adquirir um chinó. Mas por cabelo novo, ainda não é tudo. E por isso lhe damos um outro conselho:—Já que se transformou por fóra, transforme-se tambem por dentro. Areje, lave o caco. Se o não poder arejar e lavar, ponha-lhe um romendo. Faça ou invente qualquer coisa, mas não nos apareça com esses modos suspeitos, boina á banda, a navalha e a insolencia nos dentes, como tem aparecido estes dias, excepto hoje que veiu manso, quando contavamos com ele para um grande espectaculo...

O sr. Soisa continua a dar mostras do seu contentamento por nos ter levado á parede.

Pobre Soisa! Então o sr. julga que nos venceu com as suas insolencias? O sr. é assim tão ingenuo?

Pois não vai vêr no nosso nojo pela sua linguagem de arrieiro, o seu triunfo?

O senhor não pensava que a sua insolencia que só pode lisonjear o heroe sinistro de Rovuma, nos causaria asco?

Tinhamos-lhe pedido uma discussão. Esperavamos que viesse a terreiro um jornalista que com idias falsas ou verdadeiras terçasse armas conosco.

Não veiu o jornalista, mas em compensação apareceu um arrieiro.

E era com esse arrieiro que o sr. Soisa queria que discutissemos?

Mas felizmente o sr. Soisa compreendeu que nós pela nossa educação, pela nossa intransigente atitude que tomamos perante as idéias que devemos discutir com serenidade e perante a sociedade que não devemos desmoralisar com bambolleios fadistas e linguagem suspeita, porque esta manhã, o sr. Soisa apareceu-nos mais manso, com a «fronte enramada de louros.» Isto de ter a fronte enramada de louros, é errata com certeza. Enfeitada de *moñas* é que deve ser.

Com moñas ou sem elas, o certo é que o sr. Soisa, contra a nossa espectativa, apareceu muito manso esta manhã.

Quererá o sr. Soisa pôr ponto final a esta discussão irritante e ingrata?